

---

## PORQUE HOMEM É HOMEM: A CONSOLIDAÇÃO DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO GÊNERO MASCULINO ATRAVÉS DA MÚSICA

### BECAUSE A MAN IS MAN: THE CONSTRUCTION OF MALE GENDER IDENTITY THROUGH MUSIC

ANDRÉ ARAÚJO RODRIGUES<sup>1</sup>; DAIANY FERREIRA DANTAS<sup>2</sup>

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

**Resumo:** Considerando os recentes estudos de gênero sobre o conceito de masculinidade, buscamos investigar, no presente artigo, de que forma a identidade da figura masculina é construída socialmente em nossa cultura. Para tanto, analisamos as representações sociais da imagem do masculino na música popular nordestina contemporânea, majoritariamente no segmento conhecido como forró elétrico, executado massivamente em rádios e grandes shows. Utilizando como ferramenta a Análise de Discurso de origem Francesa, buscamos situar de que forma estes discursos articulam padrões culturais.

**Palavras-chave:** masculinidade; Gênero; Identidade; Construção Social; Música.

**Abstract:** Considering the recent gender studies about the concept of masculinity, this article investigates how male figure identity is socially constructed in our culture. Therefore, we analyzed the social representations of masculinity in contemporary popular Brazilian music, mostly in segments known as forró elétrico and Sertanejo Universitário, massively executed in radios and shows.

**Keywords:** masculinity, gender, Identity, social construction, pop music.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: [andrearaujortv@hotmail.com](mailto:andrearaujortv@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora assistente do curso de Comunicação Social na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e doutoranda em Comunicação do PPGCOM/UFPE. Graduada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [dai-anyd@gmail.com](mailto:dai-anyd@gmail.com).

## **Introdução**

Em nosso cotidiano, é comum constatarmos distinções ou mesmo oposições entre os padrões comportamentais que seriam pertinentes a homens ou mulheres. São comuns expressões e ditos populares como “homem não chora”, “palavra de homem não volta atrás”, “se vista como homem”, “isso é coisa de mulher”, dentre outros. Em sua experiência desde a infância, o ser humano sofre influência dessas construções simbólicas sobre suas escolhas e atitudes, que orientam gostos, pensamentos, opiniões.

Os estudos de gênero surgiram para problematizar essas diferenciações, questionando a forma como papéis públicos e privados são destinados a homens ou mulheres, ao identificar que a boneca apresentada à menina está relacionada à compreensão de que está naturalmente propensa a tornar-se uma mãe zelosa, esposa dedicada e dona de casa, enquanto o carro é destinado ao menino, apontando que o seu lugar é fora de casa, e que a sua função é conquistar o mundo.

Scott (1995) defende o conceito gênero como uma categoria útil para análise histórica, apontando que toda a sorte de qualidades tidas como naturais, atribuídas a homens e mulheres, na verdade são construídas socialmente e afirmadas pela cultura em vigor. Em seu texto, ela nos faz refletir sobre os efeitos do patriarcado na compreensão de que a sociedade estaria estruturalmente equilibrada por meio de uma divisão social de papéis entre homens e mulheres. O homem estaria vinculado ao mundo público, produtivo, ao papel de provedor e patriarca. Enquanto a mulher se afirmaria socialmente por meio do cuidado, da reprodução e manutenção das famílias. Também é uma das primeiras autoras a alertar sobre a importância de que os estudos de gênero não sejam compreendidos como estudos das mulheres. Pois as relações de gênero se estabelecem socialmente, de forma dinâmica e articulada, tendo impacto tanto no que se compreende como próprio das mulheres, quanto no que se distingue como pertinente aos homens – estaríamos lidando com construções, não determinismo biológico.

Essa cultura se reproduz também por meio do simbólico, em produtos culturais variados. Na música popular brasileira, não poderia ser diferente, tal como ilustra o compositor

cearense Falcão em sua música “Homem é homem, menino é menino, político é político e baitola é baitola<sup>3</sup>”, demonstrando a aceitação social de pré-conceitos de gênero. Estabelece-se uma associação entre gênero e sexo, estimulada por uma visão, muitas vezes deturpada, que justifica e legitima a discriminação de gênero.

A tarefa deste trabalho consiste em analisar a consolidação da imagem social do homem, à luz do conceito de gênero, tomando as letras de canções populares, comumente executadas em rádios nordestinas populares, tomadas por gozar de prestígio enquanto mercadoria cultural, tendo elevada vendagem de cópias. Desta forma, justifica-se a sua relevância social, haja vista que são capazes de refletir, legitimar e sedimentar valores, ideologias, sentimentos e realidades sociais, através da linguagem. Para tanto, faz-se necessária a pesquisa bibliográfica, primeiro para compreender os seguintes aspectos as dimensões de gênero, identidade, construção social e música. Observando como cada uma destas é tratada isoladamente dentro de sua linha de pesquisa, para depois integrá-las e articulá-las mediante as pretensões deste artigo.

A Análise do Discurso de orientação Francesa, com base nos estudos de Orlandi (2006), é a metodologia de análise escolhida por possibilitar a desconstrução das letras das músicas e a identificação dos discursos presentes, resultando na identificação das formações discursivas e ideológicas, que são essenciais para que se consiga perceber a consolidação do conceito social de gênero masculino em um espaço simbólico.

### **Homem é homem: uma ideia preconcebida**

A concepção histórica de homem consiste em uma tipificação de gênero, decorrente de uma distribuição de papéis sociais, desse modo, conforme Berge e Luckmann (1985), toda tipificação é uma instituição que controla a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, produzindo significantes e significados sociais.

---

<sup>3</sup> Gíria que designa homossexualidade.

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas ideias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado. (HEILBORN, 2004, p. 498).

São inúmeras as discussões sobre o tema, Okin (2008, p. 305), portanto, atribui aos estudos feministas a inclusão do gênero como uma nova categoria de análise nos núcleos de pesquisa acadêmica. Bruschini (1998) se utiliza do termo gênero para todas as referências de ordem social ou cultural e sexo para aquelas de ordem biológica. Judith Butler (1987, p.139), em seu estudo “Variações sobre sexo e gênero”, conflita a relação íntima entre identidade natural e identidade de gênero. Para ela, o gênero é desalojado do sexo, sendo aquele uma interpretação cultural deste. No mesmo sentido, Gayle Raubin (apud CORNELL; THURSCHELL, 1987, p. 171) apresenta o gênero como uma divisão dos sexos imposta socialmente. Okin (2008), entretanto, afirma que o

Gênero refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade social, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas (OKIN, Ibid, 306).

Contudo, o gênero se apresenta como uma construção histórico-cultural, modificadora de toda uma realidade social, que influencia as formas de comportamento e relacionamento humano, a partir da atribuição de significados existenciais específicos ao homem e à mulher, estabelecendo uma consciência comum, que determina identidades de gênero.

Por sua vez, “o conceito de identidade, (...) de modo geral (...), se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas (...)” (GIDDENS, 2005, p.43). Todavia, “a identidade tornou-se uma ‘festa móvel’ formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam.” (HALL, 1987 *apud* MOURA).

Berge e Luckmann (1985, p. 60-61) destacam que “por meio da linguagem um mundo inteiro pode ser atualizado”, para tanto, eles tornam evidente a capacidade de construção de “imensos edifícios de representação simbólica” que vão além da realidade da vida, ou seja, “abstraídos da experiência diária”, capazes de transformar esses símbolos em elementos “objetivamente reais da vida cotidiana”, assim como a arte, a religião, a filosofia e a ciência.

Sendo a música uma expressão artística, assim como uma manifestação diferenciada de linguagem, ela, dessa forma, também é uma construtora de símbolos, uma mercadoria cultural, detentora de uma relevante significância social. De acordo com Cook (*apud* MOURA) “no mundo de hoje, decidir qual tipo de música ouvir é uma parte significativa da decisão e anúncio não somente do que você ‘quer ser’... mas de quem você é”, considerando que “a consciência é sempre intencional; sempre ‘tende para’ ou é dirigida para objetos” (BERGE E LUCKMANN, 1985, p.37). De modo que, “dizer como algo se chama não é simplesmente nomeá-lo ou falar sobre isso: é, num sentido muito real, convocá-lo a ser como foi nomeado” (W.Barnett Pearce *apud* LOPES, 2001: 101). Mesmo assim:

Tem sido prestada relativamente pouca atenção à música como um meio de massas, na teoria e na investigação, talvez porque as suas implicações para a sociedade nunca tivessem sido muito claras nem tivesse havido descontinuidades abruptas nas possibilidades oferecidas por sucessivas tecnologias de gravação e de reprodução/transmissão. (MCQUAIL, 2003, p. 27)

Portanto, a música, a despeito de seu aspecto estrutural ou artístico, tal como um ordenado de sons ou como uma experiência subjetiva, apresenta por meio de suas letras, uma construção ou até mesmo reconstrução social da realidade, pois, valores e hábitos são refletidos, reproduzidos, atualizados, por fim, sedimentados, mesmo que de forma espontânea. Sendo assim, é evidente que as letras de determinadas músicas realmente reproduzem e atualizam os conceitos de gênero, haja vista que o processo de comunicação se origina na percepção, isto é, na maneira de como o sujeito-produtor percebe a realidade, que de acordo com Bordenave (1993, p. 16) pode variar conforme o repertório de experiências, conhecimentos, crenças, atitudes de cada um, mas, deve-se ressaltar que o gênero, enquanto instituição social, além de

interferir no real e condicionar as relações humanas, ele também tem o poder de interferir e influenciar a maneira de como o sujeito percebe essa realidade.

A música é arte, todavia, não é tão-somente arte, vai além de todos os conceitos pré-fabricados que almejam representá-la, é uma manifestação, antes de qualquer coisa humana, tão complexa quanto o seu criador.

### **Homem é homem: entre razões e instintos**

Os estereótipos masculinos e femininos manifestam-se na música, tais como na sociedade. A separação e oposição de gêneros na música brasileira é uma característica evidente em algumas canções. Em sua maioria, destaca-se a reprodução dos conceitos discutidos anteriormente, ou seja, uma apropriação dos valores e costumes que regem o meio social. De modo que, “as relações de poder entre homens e mulheres na família e na sociedade são práticas que se refletem na materialidade da linguagem” (RIBEIRO, 2006, p. 80). “Talvez o mais fundamental desses mitos e símbolos tenha sido o ideal de autonomia concebido à imagem de um ego masculino desimpedido e desencarnado” (BENHABIB, 1987, p. 106), o que lhe garante uma supremacia social, respaldada por construções históricas e religiosas, que “só é possível sob condição que as mulheres ocupem seus corpos como suas identidades essenciais e escravizadoras” (BUTLER, 1987, p.144).

*Chora, me liga/ Implora meu beijo de novo/ Me pede socorro/ Quem sabe eu vou te salvar/ Chora, me liga/ Implora pelo meu amor/ Pede por favor/ Quem sabe um dia eu volto a te procurar. (GRIFO NOSSO)*

A música “Chora me liga”<sup>4</sup>, interpretada pela dupla sertaneja, João Bosco e Vinícius, apresenta como eu-lírico um homem em seu papel social primeiro, ou seja, exercendo sua superioridade, seu poder sobre a mulher, sugerida como um ser cuja existência necessita da misericórdia masculina. Para isso, o compositor se utiliza, primeiramente, verbos no modo

---

<sup>4</sup> Chora, me liga. Intérprete: João Bosco e Vinícius

imperativo, (chora, liga, implora, pede), que depois são repetidos, reiterando a relação de opressão. No entanto, logo em seguida, ele demonstra a possibilidade futura de voltar a procurá-la, caso ela permaneça sustentando sua identidade social de gênero, que consiste em sua inferioridade.

O homem, também, é construído nas composições musicais como “um narcisista que vê o mundo a sua própria imagem; que não tem qualquer noção dos limites de seus desejos e paixões; e que não pode se ver através dos olhos de outrem.” (BENHABIB, 1987, p. 95). Desse modo, apresenta-se um tipo social egocêntrico, a procura de sua satisfação pessoal, apesar de quaisquer outras circunstâncias sociais. Configura-se, portanto, um imaginário do mundo masculino, bem representado, inclusive, pelas bandas de forró nordestino.

Destacam-se letras que apresentam definições tais como: “eu sou o rei da mulherada/ eu não dispense nada”<sup>5</sup>; “na farra eu sou o rei”<sup>6</sup>; “quem sou eu?/ eu sou o boy do carrão/ (...) que vai botando pressão/ (...) que só pega mulherão/ não quero nada sério/ tô a fim de curtidão”<sup>7</sup>; “quem é o gostosão daqui?/ sou eu/ sou eu/ sou eu (...) eu sou força total/ no sexo sou campeão”<sup>8</sup>, todas gravadas ou regravadas pela banda Garota Safada. Enfim, inúmeras construções, onde o próprio eu-lírico qualifica de forma positiva sua imagem. Nota-se, contudo, que nos primeiros exemplos, a caracterização do homem como rei, remete-nos ao estabelecimento de noções de autoridade, autonomia e soberania, tal como se apresentava o regime monárquico. Ao mesmo tempo, é evidente, também, uma associação ao reino animal, ao desarticular características predominantemente racionais, fortalecendo, entretanto, as de caráter instintivo, retomando, inclusive, o conceito já mencionado de ego desimpedido e desencarnado, de maneira que se apresenta como um ser apto a satisfazer suas necessidades de acordo com seus impulsos e desejos, relativos ao sexo. Remontando de modo exagerado o ideal masculino, isto é, o homem como uma potência sexual.

---

<sup>5</sup> Cachorrão da Madrugada. Intérprete: Garota Safada

<sup>6</sup> Rei da Farra. Intérprete: Garota Safada

<sup>7</sup> Boy do Carrão. Intérprete: Garota Safada.

<sup>8</sup> Quem é o gostosão daqui? Intérprete: Garota Safada.

Em outra música, esse comportamento narcísico é justificado pela aceitação voluntária da mulher: “eu pego todas, sou tarado/ e a mulherada gosta/ a mulherada gosta/ a mulherada gosta”<sup>9</sup>.

No entanto, o emprego desse constructo social em um espaço simbólico não é apenas recorrente na música popular de gosto massivo, também é visível sua reprodução na MPB clássica e intelectualizada. Tal como, em “você bota a mesa, eu como, eu como/ eu como, eu como.../ você”<sup>10</sup>, ocorre uma desconstrução do gênero feminino, um mundo constituído por negações, representado pelo “repetitivo fardo de nutrir e reproduzir” (BENHABIB, 1987, p.96), isto é, exercer as atividades domésticas e sexuais, para se construir positivamente o tipo social masculino.

Montesquieu (2005, p.53) conclui que “a lei dos sexos estabeleceu, nas nações polidas e naquelas selvagens, que os homens solicitam, cabendo às mulheres apenas conceder”, o que fundamenta essa atribuição de papéis sociais aos gêneros, “o homem é produtor, a mulher reprodutora” (RIBEIRO, 2006, p. 74), de modo que a atividade sexual aparece como uma obrigação feminina.

Assim como a beleza, a sensibilidade, a sensualidade, a cooperação, a omissão, tal como ilustra o título e também refrão da música “mulher nova, bonita e carinhosa/ faz o homem gemer sem sentir dor”<sup>11</sup>. Essas qualidades também são mencionadas como funções, a mulher é vista como ferramenta de prazer e poder para o homem. Sendo assim, a mulher não sente prazer sexual, ela é um objeto para obtenção de prazer: “Eu de dia sou sua flor/ Eu de noite sou seu cavalo”<sup>12</sup>.

A agressão física é outra forma de manifestação de poder, o que corrobora com o estereótipo homem-proprietário, mulher-propriedade: “Dia útil ele me bate/ Dia santo ele me ali-

---

<sup>9</sup> Eu sou tarado e a mulherada gosta. Intérprete: Garota Safada

<sup>10</sup> Você não entende nada. Autor e intérprete: Caetano Veloso.

<sup>11</sup> Mulher Nova Bonita e Carinhosa Faz o Homem Gemer sem Sentir dor. Autores: Otacílio Batista e Zé Ramalho. Intérprete: Amelinha.

<sup>12</sup> Sem açúcar. Autor e intérprete Chico Buarque.

---

sa/ Longe dele eu tremo de amor/ Na presença dele me calo/ (...) A cerveja dele é sagrada/ a vontade dele é a mais justa/ (...) Sua risada me assusta”<sup>13</sup>.

Dessa forma, o eu-masculino se apossa do direito de bater, que se estabelece por meio de uma atmosfera de temor, diante da fragilidade física feminina e da imposição cultural de uma fragilidade psicológica, o que lhe confere uma série de justificações perante a sociedade, por se apresentar como um ser sagrado dotado de um senso inquestionável de justiça.

Bourdieu (2005, p.82) acredita que a dominação masculina constitui as mulheres como objetos simbólicos. Deste modo, podemos dizer que, no forró nordestino, a mulher é associada a símbolos que dão ilusão de poder, tais como dinheiro, bebida alcoólica e carro, enfim, suportes que legitimam o domínio masculino. Verifica-se, portanto, nos versos: “Eu tô chegando/ fazendo aquela badalação/ bebendo tudo/ zuando com meu carro e o som tá detonado/ vou curtir a vida (...) à procura de gatas/ pra me divertir”<sup>14</sup> a noção de liberdade que os elementos de poder, anteriormente propostos, sugerem ao eu – masculino levam-no a concluir que ele vai curtir a vida.

Percebe-se ainda que o poder masculino não se restringe apenas ao domínio da natureza e da mulher, estende-se, também, a um desejo de subordinar outros homens e de ser aceito socialmente. Os versos “aonde eu chego/ a mulherada encosta/ eu ligo o som do paredão/ e a galera gosta” representam essa questão muito bem, por meio do som do carro, que em todas as duas canções, expressam a necessidade instintiva, de caráter animal, de o homem marcar território quando chega a qualquer ambiente, ou seja, mais uma forma de exercício de poder.

### **Considerações finais**

Diferente dos outros meios de comunicação de massa, a música se reveste de um aspecto artístico e estrutural, o que muitas vezes, nos impossibilita de considerá-la como uma mercadoria cultural, um bem simbólico, produzido em série para o consumo de determinado

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Badalação. Intérprete: Garota Safada

---

grupo que se identifica com o conteúdo proposto, capaz de produzir e reproduzir realidades, assim como de consolidar conceitos sociais.

O gênero é um conceito imposto socialmente, que propõe uma reflexão crítica sobre a representação da diferença entre seres humanos a partir da dissociação de suas configurações biológicas, que são interpretadas culturalmente e dotadas de sentido pelos povos.

Conclui-se que o gênero masculino surge nas músicas analisadas, a partir da absorção dos tipos e papéis instituídos socialmente. Entretanto, o homem aparece como uma construção social indefinida, ora racional, ora puramente animal, que desencadeia uma associação de poder e prazer, isto é, ao mesmo tempo em que a sua nobreza, domínio da natureza, elevação moral, capacidade intelectual, dignidade se confirmam, as suas características irracionais se manifestam, tornando-se um predador natural, inconsciente de seus atos.

Em algumas canções o eu-masculino transparece um caráter narcísico, em outras, destaca-se um ego desimpedido e desenfreado. Sobretudo, a dominação masculina se revela como traço marcante da sociedade, refletido nas manifestações simbólicas.

Afirma-se um ideal de homem, ao passo em que se rejeita o reconhecimento da existência individual e social da mulher como sujeito. Esta é retratada como quem habita um mundo onde precisa do apoio masculino para tornar-se visível, ainda que não independente. Ele apenas “é”, porque a mulher “não-é”. A única coisa que ela se torna, que vai além de suas aptidões domésticas e sexuais, é um objeto simbólico, um símbolo que confirma o poder masculino. Contudo, definir o homem é definir a mulher, estimulando uma visão que objetiva a separação de seres que *a priori* são tão iguais, seres humanos, que se transformaram em sujeitos sociais, presos a padrões. Dessa forma, a proposição de que apenas a mulher é vítima de uma construção social de gênero é equivocada, o homem também se apresenta como tal, sendo compelido a exercer liderança sobre os seus semelhantes, preso a uma figura representativa de poder e autoridade soberana diante da família.

As canções revelam os conceitos que a própria sociedade apresenta como se fossem uma verdade social absoluta.

## Referências

- BALBUS, Isaac D. Mulheres Disciplinantes: Michel Foucault e o Poder do discurso Feminista. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Tradução: Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987, p. 121-138.
- BENHABIB, Seyla. O outro Generalizado e o Outro Concreto: a controvérsia Kohlberg- Gilligan e a Teoria Feminista. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Tradução: Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987, p. 87-106.
- BERGE, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 24ª ed. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além do meio e mensagens**: introdução à comunicação como tecnologia, sistema e ciência. 6ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRUSCHINI, Cristina. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Tradução: Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987, p.139-154.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CORNELL, Drucilla; THURSCHELL, Adam. Feminismo, Negatividade, Intersubjetividade. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Tradução: Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987, p. 155-174.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero: Uma Breve Introdução**. 2004. Disponível em: [http://www.coepbrasil.org.br/opiniao\\_genero.asp](http://www.coepbrasil.org.br/opiniao_genero.asp). Acesso em: 17/02/2010.
- LOPES, Janecy T.S. Mulher e família: a construção de uma nova forma de ser?. In: **Construções e perspectivas em gênero**. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 101-108.
- MCQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Tradução: Carlos de Jesus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MONTESQUIEU. **O gosto**. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MOURA, Auro Sanson. **Música e construção de identidade**. Disponível em: [http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2007/poster\\_educacao\\_musical/poster\\_edmus\\_ASMoura.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/poster_educacao_musical/poster_edmus_ASMoura.pdf). Acesso em: 17/02/2010.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/02.pdf>. Acesso em: 08/07/2011.

ORLANDI, Eni P. Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_; RODRIGUES, Suzy Lagazzi. Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade. Campinas: Pontes Editores, 2006.

RIBEIRO, Manoel P. **Feminismo, Machismo e Música Popular Brasileira**. 2006. Disponível: [http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihm/graduacao/letras/revista/galleries/downloads/textomanoel.pdf](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/galleries/downloads/textomanoel.pdf). Acesso em: 17/02/2010.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

## Anexo

### 1. Badalação

Intérprete: Garota Safada

Composição: Fábio Garrafinha

Eu tô chegando / Fazendo aquela badalação  
Bebendo tudo / Zuando com meu carro e o som tá detonando  
Vou curtir a vida / Hoje eu quero ficar bêbo com 14 raparigas...  
Quando eu chego no forró / A mulherada encosta  
Ligo o som do paredão / E todo mundo gosta  
Eu sou cabra desmantelado o bom da vida é viver  
Por isso que não vivo sem beber...  
Eu viro quatro noites / Biritando por aí  
A procura de gatas / Pra poder me divertir.  
Junto com os amigos / Vou fazer tremer o chão  
Se liga aí galera / Hoje vai ter curtição...  
Eu tô chegando / Fazendo aquela badalação  
Bebendo tudo / Zuando com meu carro e o som tá detonando  
Vou curtir a vida / Hoje eu quero ficar bêbo com 14 raparigas...

## 2. Boy do Carrão

Intérprete: Garota Safada

Composição: Richardson Maia

Quem sou eu? Eu sou o boy do carrão  
Quem sou eu? Que vai botando pressão  
Quem sou eu? Que só pega mulherão  
Não quero nada sério / Eu tô a fim de curtição / Alô!  
Nos conhecemos há algum tempo / Pow!  
Mas não é relacionamento  
A gente só ficou numa balada qualquer do forró  
Às vezes você liga, eu acho até legal  
É uma mina maneira, uma gata de moral  
Mas não me cobre nada / Não sou seu namorado  
Se cair na minha rede eu tô pegando / Tá ligado?  
Quem sou eu? Eu sou o boy do carrão  
Quem sou eu? Que vai botando pressão  
Quem sou eu? Que só pega mulherão  
Não quero nada sério / Eu tô afim de curtição  
Se tem gata / Eu tô ficando  
Se der bobeira, se for massa / Eu tô pegando  
Tomando uma a noite inteira / Eu sou da graxa  
Mas eu não marco bobeira / Avisa mulherada, hey!  
Eu tô na área / Passando o rodo com minha rede de malha  
E a galera já sabe que eu boto pressão  
Vou descolar uma gata pra não ficar na mão  
Quem sou eu? Eu sou o boy do carrão  
Quem sou eu? Que vai botando pressão  
Quem sou eu? Que só pega mulherão  
Não quero nada sério / Eu tô a fim de curtição (2x)

## 3. Cachorrão Na Madrugada

Intérprete: Garota Safada

Virando o bicho na madrugada / Eu to com meus amigos tomando uma gelada  
Depois da meia-noite pego tudo que tiver se tratando de mulher  
Eu topo qualquer parada / Andando no meu carro boto o som é pra torar  
E quem quiser pode chegar / Chego o rei da mulherada  
Eu não dispenso nada, / Eu não dispenso nada,  
Eu não dispenso nada, / Cachorrão da madrugada  
Eu não dispenso nada, / Eu não dispenso nada,  
Eu não dispenso nada, / Eu sou o rei da mulherada  
Eu não dispenso nada, / Eu não dispenso nada, / Eu não dispenso nada.

#### 4. Chora, me liga

Intérprete: João Bosco e Vinícius

Não era pra você se apaixonar / Era só pra gente ficar,  
Eu te avisei / Meu bem eu te avisei.  
Você sabia que eu era assim / Paixão de uma noite / Que logo tem fim  
Eu te falei / Meu bem eu te falei  
Não vai ser tão fácil assim / você me ter nas mãos  
Logo você que era acostumada a brincar com outro coração  
Não venha me perguntar / Qual a melhor saída  
Eu sofri muito por amor / Agora eu vou curtir a vida  
Chora, me liga / Implora o meu beijo de novo / Me pede socorro  
Quem sabe eu vou te salvar  
Chora, me liga / Implora pelo meu amor / Pede por favor  
Quem sabe um dia eu volto a te procurar  
Não era pra você se apaixonar / Era só pra gente ficar,  
Eu te falei / Meu bem eu te falei.  
Você sabia que eu era assim / Paixão de uma noite / Que logo tem fim  
Eu te avisei / Meu bem eu te avisei  
Não vai ser tão fácil assim / você me ter nas mãos  
Logo você que era acostumada a brincar com outro coração  
Não venha me perguntar / Qual a melhor saída  
Eu sofri muito por amor / Agora eu vou curtir a vida  
Chora, me liga / Implora o meu beijo de novo / Me pede socorro  
Quem sabe eu vou te salvar  
Chora, me liga / Implora pelo meu amor / Pede por favor  
Quem sabe um dia eu volto a te procurar (bis)

14

#### 5. Eu sou tarado e a mulherada gosta

Intérprete: Garota Safada

Eu pego todas, sou tarado / E a mulherada gosta, a mulherada gosta, a mulherada gosta...  
Eu topo tudo, sou safado / E a mulherada gosta, a mulherada gosta, a mulherada gosta...  
Fernanda me liga de madrugada / Dizendo que tá louca pra sair.  
Eu sei o que ela quer tô na parada / Beijar, beber ela, se divertir.  
Eu recebo uma mensagem da Claudinha / Querendo uma tarde de prazer.  
Mas eu já tô marcado com as minas / Dou uma rapidinha e mando ver.  
Fábíola, Sueli, Valéria, Carla e Tainá / Tão nuas num apartamento / Me esperando pra zuar  
Bebida, energético / Pra ficar num alto astral  
Aí começa a festa / Tudo rola bem legal.  
Márcia e Teresa / Já ficou tudo beleza  
Passa lá na casa da Karine e da Raquel / Daqui a meia hora elas me ligam com certeza  
Porque marquei com as quatro uma suruba no motel.

Eu pego todas, sou tarado / E a mulherada gosta, a mulherada gosta, a mulherada gosta...  
Eu topo tudo, sou safado / E a mulherada gosta, a mulherada gosta, a mulherada gosta...

#### 6. Homem é Homem

Intérprete: Falcão

Composição: Falcão

O homem nasce sem maldade em parte nenhuma do corpo

O homem é lobo do homem

Isso explica a viadagem congênita e a baitolagem adquirida!

Sendo assim quem nunca queimou o anel quando menino,

Queimá-lo-á quando crescido!

E isso explica novamente a história da viadagem adquirida!

(Refrão)

porque homem é homem, menino é menino, macaco é macaco e viado é viado

homem é homem, menino é menino, político é político e baitola é baitola

O indivíduo nasce, cresce e adentra ao mundo social e político, filosófico e artístico

Fica danado, letrado, inteligente e sabido / conhece tudo, explica tudo

e discute com bastante elegância / os rumos da catilôgência

fica suave, delicado e aberto a novas experiências / nada de novo no front desse globalizado leso

a saída é a retaguarda / e isso explica a evolução da perobagem adquirida

fica difícil um estudo, / uma tese, uma análise / dados da ciência

o homem inteligente dá ou dá porque é inteligente.

#### 7. Mulher Nova Bonita E Carinhosa Faz O Homem Gemer Sem Sentir Dor

Intérprete: Amelinha

Composição: Otacílio Batista / Zé Ramalho

Numa luta de gregos e troianos / Por Helena, a mulher de Menelau

Conta a história de um cavalo de pau / Terminava uma guerra de dez anos

Menelau, o maior dos espartanos / Venceu Páris, o grande sedutor

Humilhando a família de Heitor / Em defesa da honra caprichosa

Mulher nova, bonita e carinhosa / Faz o homem gemer sem sentir dor

Alexandre figura desumana / Fundador da famosa Alexandria

Conquistava na Grécia e destruía / Quase toda a população Tebana

A beleza atrativa de Roxana / Dominava o maior conquistador

E depois de vencê-la, o vencedor / Entregou-se à pagã mais que formosa

Mulher nova bonita e carinhosa / Faz um homem gemer sem sentir dor

A mulher tem na face dois brilhantes / Condutores fiéis do seu destino

Quem não ama o sorriso feminino / Desconhece a poesia de Cervantes

A bravura dos grandes navegantes / Enfrentando a procela em seu furor

Se não fosse a mulher mimosa flor / A história seria mentirosa

Mulher nova, bonita e carinhosa / Faz o homem gemer sem sentir dor

Virgulino Ferreira, o Lampião / Bandoleiro das selvas nordestinas  
Sem temer a perigo nem ruínas / Foi o rei do cangaço no sertão  
Mas um dia sentiu no coração / O feitiço atrativo do amor  
A mulata da terra do condor / Dominava uma fera perigosa  
Mulher nova, bonita e carinhosa / Faz o homem gemer sem sentir dor

#### 8. Quem é o Gostosão Daqui?

Intérprete: Garota Safada

Composição: Gfm

Quem é o gostosão daqui? / Sou eu / Sou eu / Sou eu!  
Vou te levar pra cama / Vou te deixar toda nua  
Vou te morder / Vou te lambar safada!  
Você vai ficar tesuda / Vou te abraçar  
Vou te beijar / Vou te deixar nas nuvens  
É loucura de amor / Eu sou força total  
No sexo sou campeão / Vamos fazer amor  
Quem é o gostosão daqui? / Sou eu / Sou eu

#### 9. Sem Açúcar

Intérprete: Chico Buarque

Todo dia ele faz diferente, não sei se ele volta da rua  
Não sei se me traz um presente, não sei se ele fica na sua  
Talvez ele chegue sentido, quem sabe me cobre de beijos  
Ou nem me desmancha o vestido, ou nem me adivinha os desejos  
Dia ímpar tem chocolate, dia par eu vivo de brisa  
Dia útil ele me bate, dia santo ele me alisa  
Longe dele eu tremo de amor, na presença dele me calo  
Eu de dia sou sua flor, eu de noite sou seu cavalo  
A cerveja dele é sagrada, a vontade dele é a mais justa  
A minha paixão é piada, sua risada me assusta  
Sua boca é um cadeado e meu corpo é uma fogueira  
Enquanto ele dorme pesado eu rolo sozinha na esteira  
E nem me adivinha os desejos Eu de noite sou seu cavalo

#### 10. Você não entende nada

Intérprete: Caetano Veloso

Quando eu chego em casa nada me consola / Você está sempre aflita  
Lágrimas nos olhos, de cortar cebola / Você é tão bonita  
Você traz a coca-cola eu tomo / Você bota a mesa, eu como, eu como



Sociedade Brasileira de Estudos  
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira  
de Iniciação Científica em  
Comunicação Social*

---

Eu como, eu como, eu como  
Você... não está entendendo / Quase nada do que eu digo  
Eu quero ir-me embora / Eu quero é dar o fora  
E quero que você venha comigo / E quero que você venha comigo  
Eu me sento, eu fumo, eu como, eu não aguento / Você está tão curtida  
Eu quero tocar fogo neste apartamento / Você não acredita  
Traz meu café com suita eu tomo / Bota a sobremesa eu como, eu como  
Eu como, eu como, eu como  
Você tem que saber que eu quero correr mundo / Correr perigo  
Eu quero é ir-me embora / Eu quero dar o fora  
E quero que você venha comigo / E quero que você venha comigo.